

ÁUDIO MÚSICA & TECNOLOGIA

FERNANDO & SOROCABA

Projeto acústico ousado e tecnologia
de ponta no novo estúdio da dupla



LOLLAPALOOZA BRASIL 2014

Produção, som e transmissão da
terceira edição do festival

OTIMIZANDO SUA MIXAGEM

Como equalizar com eficiência

SINTETIZADORES REAIS

Grave, controle e ouça
synths via Pro Tools

SISTEMAS DE
SONORIZAÇÃO
PARTE 15
As caixas do sistema

LUZ&CENA

O DVD solo de Humberto Gessinger • Projeto de luz inovador na turnê de Thiaguinho
Jeronymo Cruz: nome histórico na iluminação cênica • Media Composer: Keying, PIP e mais

Mundo sertanejo, festivais e fluidez

Nashville, apelidada de *Music City*, é, ao mesmo tempo e não por acaso, a meca dos estúdios de gravação e da música country americana, e disso a maioria de nós já sabe. Mas não é curioso notar a universalização da "música caipira" norte-americana atuando como um agente fundamental para o surgimento de estúdios bem interessantes ao redor do mundo? Um exemplo de espaço moderno e com cuidados especiais dedicados a cada detalhe é o novo estúdio da dupla Fernando & Sorocaba, uma das mais populares do nosso país.

Localizado em Moema, bairro nobre de São Paulo, o estúdio tem três salas de gravação e uma técnica, com uma área total de 120 m², além de ambientes como uma sala de edição e escritórios da produtora da dupla. Carlos Duttweller, o nome por trás do projeto das salas, nos contou detalhes sobre a obra, que levou um ano e meio para ser concluída, além de comentar os principais desafios encontrados ao longo desse período, como a poluição sonora, já que o estúdio fica perto do Aeroporto de Congonhas. Vale conferir a matéria e pensar: será que algum dia Goiânia ou alguma cidade do interior de São Paulo será a nossa Nashville? Mas isso é tema para uma outra edição.

Se a matéria sobre mais uma edição do Villa Mix, festival que reuniu mais de 65 mil pessoas e teve sonorização da Vigor Som, empresa com base em Feira de Santana, Bahia, nos lembra como o novo sertanejo realmente surgiu para misturar-se à cultura musical brasileira e dela ser parte, a matéria sobre o Lollapalooza Brasil 2014 coloca o leitor em contato direto com o setup de técnicos, com a estrutura de som, de transmissão... Tudo de primeira linha, como já era de se esperar de um festival tão grande e tradicional como esse, criado em 1991 pelo meio bicho-grilo, meio megaempresário e vocalista do Jane's Addiction Perry Farrell. Já no caderno *Luz & Cena* os destaques são a delicada luz do DVD solo de Humberto Gessinger e a inovadora iluminação da turnê de Thiaguinho.

E por falar em *Luz & Cena*, você notará que a partir desta edição o caderno foi reposicionado, sendo agora encontrado na parte final da revista, e não mais em seu centro. Com isso, esperamos uma leitura mais agradável, fluida, sem interrupções, para que tanto os fãs do áudio, da música e da tecnologia quanto os da luz, do vídeo, da cena, se sintam ainda mais confortáveis, à vontade mesmo, em nossas páginas – sejam elas físicas ou digitais. Experimente e veja se a experiência de mergulhar em uma nova edição da *AM&T* não ficou ainda melhor.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

ISSN 1414-2821

Áudio Música & Tecnologia

Ano XXVI – Nº 274 / julho de 2014

Fundador: Sólon do Valle

Direção geral: Lucinda Diniz -

lucinda@musitec.com.br

Edição jornalística: Marcio Teixeira

Consultoria de PA: Carlos Pedruzzi

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

André Paixão, Cristiano Moura, Daniel

Raizer, Enrico De Paoli, Fábio Henriques,

Farley Derze, Renato Muñoz e

Ricardo Honório.

REDAÇÃO

Marcio Teixeira - marcio@musitec.com.br

Rodrigo Sabatinelli - rodrigo@musitec.com.br

redacao@musitec.com.br

cartas@musitec.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Client By - clientby.com.br

Frederico Adão e Caio César

Assinaturas

Karla Silva

assinatura@musitec.com.br

Distribuição: Eric Brito

Publicidade

Mônica Moraes

monica@musitec.com.br

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Áudio Música & Tecnologia

é uma publicação mensal da Editora

Música & Tecnologia Ltda,

CGC 86936028/0001-50

Insc. mun. 01644696

Insc. est. 84907529

Periodicidade Mensal

ASSINATURAS

Est. Jacarepaguá, 7655 Sl. 704/705

Jacarepaguá – Rio de Janeiro – RJ

CEP: 22753-900

Tel/Fax: (21) 2436-1825

(21) 3435-0521

Banco Bradesco

Ag. 1804-0 - c/c: 23011-1

Website: www.musitec.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil pela

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

Rua Teodoro da Silva, 907

Rio de Janeiro - RJ - Cep 20563-900

Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas nesta revista.

AM&T não se responsabiliza pelas opiniões de seus colaboradores e nem pelo conteúdo dos anúncios veiculados.



30

Sertão High-Tech

Projeto acústico ousado e tecnologia de ponta no novo estúdio de Fernando & Sorocaba
Rodrigo Sabatinelli

- 14 **Áudio no Brasil**
Oswaldo Malagutti Jr.: De estrela do rock a dono de um dos maiores estúdios do país
Marcio Teixeira
- 18 **Plug-ins**
Trabalhando em tracks “fechados”: Manipulação em backing tracks e loops com Waves
Cristiano Moura
- 22 **Notícias do Front**
As Partes de um Sistema de Sonorização (Parte 15): As caixas do sistema (Parte 1)
Renato Muñoz
- 36 **Lollapalooza Brasil 2014**
Terceira edição do festival mantém estrutura vitoriosa de produção, som e transmissão
Rodrigo Sabatinelli

- 42 **Villa Mix em BH**
Sistema LS Audio sonoriza megaevento sertanejo
Rodrigo Sabatinelli
- 46 **Desafiando a Lógica**
Logic no Audiovisual (Parte 2): Crie um template exclusivo para cada tipo de trabalho
André Paixão
- 52 **Pro Tools**
Síntetizadores reais: Gravando, controlando e ouvindo sintetizadores via Pro Tools
Daniel Raizer
- 60 **Mixagem**
Otimizando Sua Mixagem (Parte 4): Equalizando com eficiência
Fábio Henriques
- 96 **Lugar da Verdade**
Mix Gourmet
Enrico De Paoli

seções

editorial 2 notícias de mercado 6
novos produtos 10 índice de anunciantes 95

LUZ & CENA



70

capa

Insular: Luz “de cinema” no DVD solo de Humberto Gessinger
por Rodrigo Sabatinelli



76

show

Samba Repaginado: Projeto de luz de nova turnê do sambista Thiaguinho foge do comum ao gênero musical
por Rodrigo Sabatinelli



82

iluminando

História dos profissionais de iluminação cênica no Brasil - Segundo capítulo: Jeronymo Cruz
por Farley Derze



88

media composer

Composições no Media Composer: Keying, PIP e muito mais
por Cristiano Moura

PRODUTOS	66
EM FOCO	68
FINAL CUT	92

CADERNO

LUZ & CENA

INSULAR

Luz de cinema no DVD
solo de Humberto
Gessinger



Felipe Garchet

MEDIA COMPOSER

Criando efeitos
diretamente na ferramenta

FORA DO COMUM

Projeto de luz da nova
turnê de Thiaguinho inova
no cenário do samba

JERONYMO CRUZ

Em destaque, mais um
pioneiro da iluminação
cênica nacional



Na foto, Jeronimo e Farley

HISTÓRIA DOS PROFISSIONAIS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO BRASIL

Segundo capítulo: Jeronimo Cruz

Em 19 de maio de 2008 estive em São Paulo para entrevistar um dos pioneiros da iluminação cênica daquela cidade: Jeronimo Cruz. A entrevista aconteceu às 18h no quarto do hotel onde eu me hospedei, e continuou no dia seguinte em seu escritório, onde me mostrou mesas de luz e refletores que aprendeu a fabricar muitos anos atrás. Fui apresentado a ele pouco antes, no dia oito de abril daquele mesmo, no estande da Abilux, durante uma feira de iluminação que ocorria na cidade. Ali ficou combinado que eu voltaria para entrevistá-lo sobre sua carreira como profissional de iluminação cênica.

O COMEÇO

Jeronimo Cruz nasceu em 13 de fevereiro de 1940. Em 1951, foi viver em Buenos Aires, onde permaneceu até 1963, ano em que retornou ao Brasil. Em 1959, iniciou sua carreira como electricista do único canal de televisão existente em Buenos Aires: o Canal 7. Pouco tempo depois, passou a atuar como electricista e iluminador da equipe de reportagens externas. Em 1964, foi procurar um amigo em um escritório da TV Re-

cord, que ficava nos fundos do Teatro Record, na Rua da Consolação. Dirigiu-se ao porteiro e disse o nome da pessoa que tinha ido procurar. O porteiro respondeu com uma pergunta "você é o electricista?". Cruz respondeu que sim. O porteiro disse "então vem comigo". Em poucos instantes, Cruz estava dentro de um teatro, e ao ver seu amigo, ouviu "me ajuda a pendurar todos esses refletores". Ficaram das 10h da manhã às 19h e continuaram no dia seguinte. Cruz nunca mais deixou de trabalhar na área do teatro.

Meses depois foi montar e operar luz no Teatro Oficina, também em São Paulo. Tempos depois testemunhou um incêndio que destruiu boa parte do teatro. O pessoal que estava fazendo a faxina, pela manhã, usou um fogão



Jeronymo foi testemunha do incêndio que em 1966 destruiu boa parte do Teatro Oficina

PROMOÇÃO ESPECIAL!



Manual Prático de Acústica

de R\$ **72,00** por R\$ **65,00***

autor: Sólton do Valle

Guia de Mixagem 1



de R\$ **45,00** por R\$ **39,00***

autor: Fábio Henriques

* a esses valores serão acrescidas as taxas de envio.

Para ver essas e outras promoções acesse:

WWW.MUSITEC.COM.BR

Você pode adquirir esses livros também na versão digital. Vá às lojas da Apple ou do Google play, e adquira o seu.
Manual Prático de Acústica: US\$ 14,99 (dólares)
Guia de Mixagem 1: US\$ 8,99 (dólares)

Mais informações:

e-mail: assinatura@musitec.com.br

Tel: 21 3435-0521

JM LIGHTING
LONDON FOG

VENDAS 11 2872-6537
11 2983-6357



Líquido de fumaça
SUPER



Líquido de fumaça
ESPECIAL



Líquido de fumaça
MEGA



Líquido de fumaça
STUDIO



Líquido HAZE
Base de água



Líquido HAZE
Base de óleo



Líquido
NEVE artificial



Líquido p/ máquina
de **BOLHA**



Líquido p/ LIMPEZA
de máquina de fumaça

VISITE NOSSO SITE: WWW.JMLIGHTING.COM.BR

Email: jmlighting@yahoo.com.br

para aquecer a cera que seria passada no piso. A lata esquentou e pegou fogo. Perdeu-se o controle da situação. Tudo que havia de som e de luz Cruz tentava salvar das chamas: toca-discos, caixas de som, reostatos, refletores de 500W, dentre outros artefatos de época. De um modo geral, equipamentos fabricados artesanalmente. Eram poucos os teatros com equipamentos importados. Lembra do Teatro Cacilda Becker, onde havia alguns refletores Strand, da Inglaterra, uma mesa de luz de níquel-cromo, tecnologia inglesa?

Tempos depois, deu-se a chegada da primeira mesa eletrônica instalada no Brasil, dentro do Teatro Aliança Francesa. Era uma mesa Clemencau. O técnico que trabalhava no Teatro Oficina foi trabalhar, após o incêndio, no Aliança Francesa. Na visão de Cruz, com a chegada de equipamentos importados, a partir da década de 1960, a arte da iluminação cênica se modernizou.

Os fabricantes estrangeiros enviavam seus técnicos para ensinar o manuseio dos equipamentos que vendiam. Era uma novidade trabalhar numa mesa eletrônica com canais que agrupavam as luzes. Era muito sofisticado para a época, tendo em vista que até então se dependia de reostato de carvão ou «barrica de água e sal» para dimmerizar a luz. A precariedade tecnológica fez circular no boca-a-boca os termos «ribalta» e «gambiarra» em alusão à realidade de como se fazia luz no Brasil.

A chegada da tecnologia estrangeira estimulou a criação de uma empresa paulistana, em 1970, chamada GCB, da qual Jeronymo Cruz se tornou sócio juntamente com outros pioneiros da iluminação cênica na cidade: Gian Carlo Bortolotti (GCB), Giba, Nezito Reis e Zé Luís. Diante das circunstâncias tecnológicas da época e do desejo de se adquirir conhecimento técnico, a firma GCB passou a ser referência em montagem e desmontagem de equipamentos, e logo passou a fabricar mesas de luz mais adaptadas à experiência do brasileiro, com menos recursos para

serem mais fáceis de se operar.

Contudo, perceberam que a tecnologia avançava e decidiram contratar um engenheiro para fabricarem uma mesa com recursos de gravação. Passaram a vender mesas de luz e refletores para todo o Brasil. Isso se deu porque companhias com artistas estrangeiros que vinham atuar no Brasil, e ainda as próprias companhias teatrais brasileiras, contratavam os profissionais ligados à GCB para prestarem serviços de operação de luz dos espetáculos. No nordeste, por exemplo, eram raros os materiais para iluminação. O profissional da GCB viajava com o material fabricado pela empresa para atender o espetáculo. As companhias estrangeiras não traziam equipamentos. A GCB era contratada para atendê-los em suas turnês pelo Brasil. Os únicos equipamentos que uma ou outra empresa estrangeira traziam eram aqueles estritamente necessários para gerar efeitos. A iluminação básica era fornecida pela GCB.

Era a época do presidente Collor de Mello, que havia liberado a importação de produtos eletrônicos. Em pouco tempo a GCB percebeu que era mais barato comprar um produto importado do que fabricar, sendo que ainda havia despesas como a referente ao pagamento dos honorários do engenheiro eletrônico contratado, cuja experiência vinha de seu trabalho com a fabricação de máquinas caça-níqueis e outras usadas em cassinos.

O NOME "ILUMINADOR"

Em 1964, a palavra "iluminador não existia. Havia o "eletricista", que era, ao mesmo tempo, o "operador" de luz. Quem criava a luz era o próprio diretor do espetáculo. O operador trabalhava baseado naquilo que o diretor queria, em termos de posicionamento dos refletores, bem como no que dizia respeito às cores. Com os ensaios, o operador de luz adquiria o ritmo do espetáculo.

Cruz afirma que o primeiro operador de luz autodenominado "iluminador" foi o carioca Jorgi-



Ziembinski, em retrato autografado: um dos fundadores do moderno teatro brasileiro, segundo Cruz, ensinou muito aos pioneiros nacionais da operação de luz

nho de Carvalho. Ele tinha muita coisa a favor dele: gente muito boa, talentoso e muito bem relacionado com o pessoal do Teatro Clara Machado na década de 1960. Cruz e Jorginho de Carvalho se conheceram no aeroporto do Rio de Janeiro quando viajaram juntos em 1967, na primeira vez em que Jorginho saiu do Rio de Janeiro para operar a luz. Iam para São Luís, no Maranhão, trabalhar em um espetáculo cujos atores eram Tônia Carrero, Cecil Thiré e Jardel Filho.

Cruz havia sido contratado por Tônia Carrero para fazer a luz do então diretor Fauzi Arapi, mas o técnico maquinista da companhia se acidentou. Então eles chamaram Jorginho de Carvalho para operar a luz, e o Cruz, por conhecer a montagem, iria orientar os maquinistas do teatro em São Luís.

Operou a luz e o som do primeiro espetáculo de Maria Bethânia, em São Paulo, em 1966. Seu primeiro trabalho de criação de luz foi um musical com Antonio Boldrin, em 1972, no Teatro das Nações, também na capital paulista. Criou a luz do primeiro espetáculo de Clodovil como ator.

APRENDIZAGEM E PRAZER

Cruz percebe que os pioneiros da operação de luz aprenderam muito com os ensinamentos do polonês-brasileiro Ziembinski, do italiano Giani Rato e do brasileiro Flávio Rangel – todos diretores de teatro. O sentido que o diretor queria dar com aquela luz foi aos poucos capturado durante a prática do profissional que operava a luz. Nos dias de hoje, quando alguém o procura para começar nessa profissão de iluminador, ele gosta de ir aos ensaios para acompanhar a operação de luz e depois perguntar: “o que você enxergou?”

Cruz acredita que o profissional da iluminação cênica tem em suas mãos uma capacidade de gerar ambiências com luz a partir daquilo que foi pensado pelo diretor e pelo cenógrafo. Contudo, o maior prazer de Cruz é operar a luz. É sentir o tempo do espetáculo, acompanhar o texto, participar do espetáculo. Vivê-lo.

Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamiletormann.com